

Alunos do DF temem violência nas escolas

DF - Educação

Resultado preliminar de pesquisa da Unesco é apresentado em congresso

MARIANA SANTOS

Autoridades brasileiras e estrangeiras discutiram, ontem, as relações violentas que ocorrem em ambiente escolar no 1º Congresso Ibero-Americano sobre Violências nas Escolas. O evento, no auditório do colégio Maria Auxiliadora, termina hoje, e tem a finalidade de chamar a atenção da sociedade para o problema e propor novas políticas públicas a partir de trocas de experiências entre entidades que tratam do assunto em diversas partes do mundo.

Dados preliminares relativos à Pesquisa de Vitimização das Escolas em 2003, realizada pelo Observatório de Violências nas Escolas, foram apresentados e, os primeiros números já revelam um quadro preocupante. A presença de armas em ambiente escolar, apontada por 21,7% dos 12 mil estudantes, e a frequência de roubos, 69,44% afirmam que existe roubo na escola, não são surpresa para estudantes.

A pesquisa do observatório brasileiro começou a ser realizada há um ano e meio, e deve ser finalizada em seis meses. Estudantes de cinco capitais – Belém (PA), Salvador (BA), Porto Alegre (RS), Rio de Janeiro (RJ), São Paulo (SP) –, além do

DF, foram ouvidos. Míriam Abramovay, vice-coordenadora do observatório brasileiro, resalta que ainda não há como comparar as capitais, mas a socióloga revela que a situação da capital federal é preocupante. Os 1,4 mil alunos da rede pública do ensino fundamental e médio estão preocupados com os índices de violências em suas escolas – 15,3% acreditam que exista muita ou muitíssima violência nos arredores do colégio. 45,7% pensam que a violência nas escolas é mediana e 60% defendem que não há violência em ambiente escolar.

Em outra pergunta feita aos estudantes, “O que você acha de sua escola”, 9,9% dos brasilienses acreditam que seja ruim ou péssima, 45,3% média e 44,8% boa, o pior índice dos estados ouvidos. Para 5,6% dos estudantes gaúchos, por exemplo, existe muita violência nas escolas, e 4,2% acham que seus colégios são péssimos ou ruins.

Segundo Míriam, os “diagnósticos” já foram repassados a cada escola. Nos planos de ação, são sugeridas aulas aos fins de semana, para realização de atividades esportivas e culturais, e uma mediação na relação entre professores e alunos.

Pesquisa em seis cidades fica pronta até o final do ano